

A Experiência da Comunicação e as Relações Sociais Para a Construção do Empoderamento da Mulher Enquanto Produtora Rural¹

Laíne Lopes da SILVA²
Moisés dos Santos VIANA³

Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, BA.

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica “Experiência Comunicacional na Unidade de Produção da Comunidade de “Cabochard”, em Valente-BA”. Como metodologia, foi utilizado a perspectiva do interacionismo simbólico, bem como o contexto de experiência no cotidiano do sujeito social, no período de um ano. Tem como objetivo apresentar a forma como as mulheres dessa localidade se organizaram para construir seu espaço na sociedade e como as experiências e interações contribuem para esse fortalecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Experiências; Interações sociais, Mulheres rurais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa de Iniciação Científica feita na comunidade rural de Cabochard, em Valente, no estado da Bahia. Esta, por sua vez, fala a respeito de como se dá a experiência comunicacional na comunidade a partir da interação dos sujeitos sociais tanto no grupo de produção quanto na comunidade como

¹Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso Comunicação Social (Rádio – TV) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-CAMPUS 14), Grup. Pesq. FEL, e-mail: ninalaine.silva@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social (Rádio-Tv) – UNEB CAMPUS 14, Grup. Pesq. FEL, e-mail: tutmosh@gmail.com.

um todo. Em decorrência disso, como sabemos que uma pesquisa nunca acaba, sempre surge novos fatos para ser investigados, houve-se a necessidade de abordar a visibilidade e o empoderamento que as mulheres conseguiram através da organização do grupo produtivo. Partindo desse pressuposto, é importante falar de como o ser mulher no contexto rural luta pela obtenção de espaço na sociedade através de interações e experiências com outros sujeitos sociais. O objetivo do trabalho é apresentar como a forma de organização dessas mulheres e a experiência comunicacional contribuem para a sua autonomia financeira e o fortalecimento da identidade enquanto trabalhadoras rurais. Diante disso, o questionamento que norteia essa pesquisa é o seguinte: Qual a relevância que a organização social e as interações simbólicas com outros sujeitos desencadeiam no processo de busca das mulheres pelo espaço na sociedade?

METODOLOGIA

Para esta pesquisa foram realizadas visitas a comunidade, bem como informações utilizadas através de observações da minha pesquisa de Iniciação Científica no período de um ano, 08/2015 à 08/2016; utilizando-se a pesquisa etnográfica, pois possibilita um maior aproveitamento do trabalho em campo, assim como os processos de interacionismo simbólico que permite compreender os comportamentos das pessoas através de interações sociais compostas por símbolos presentes no seu convívio social e ainda contribuições a respeito da experiência comunicacional dos sujeitos sociais dessa comunidade, esta por sua vez, permite que a experiência seja adquirida através das vivências do cotidiano com as pessoas, possibilitando assim ajustar as diferenças e decidir levar para a vida essas experiências ou não. A coleta de dados foi captada através de conversas informais e utilização do diário de bordo que puderam ser observados e registrados no decorrer da duração da bolsa de Iniciação Científica. Levando em conta essas contribuições, foi possível organizar melhor este trabalho por possuir um bom material de estudo para desenvolver a presente pesquisa. A observação participante foi de extrema importância, assim como o diário de bordo para captar informações importantes no processo de escrita e percepção de símbolos emitidos pelo grupo. É importante dizer que foi uma pesquisa de natureza qualitativa, levando em conta as particularidades dos sujeitos sociais envolvidos, possibilitando assim a

pesquisadora um maior aprofundamento na pesquisa. Os recursos físicos utilizados foram: registros fotográficos com celular, gravações de áudio, anotações no diário de bordo. Além do contato com o grupo de mulheres, também foi possível conversar com o presidente da associação que já havia participado do grupo de Jovens que antecedeu o grupo de mulheres, assim como entrevista informal com uma ex participante do grupo de mulheres que hoje integra o núcleo do sindicato dos trabalhadores rurais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para nortear a pesquisa com a perspectiva do interacionismo simbólico foi escolhido o autor Herbert Blumer(1980), que aborda em sua obra como os seres humanos interagem na sociedade. Para isso, o autor utiliza três premissas:

“A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece[...]. A segunda premissa consiste no fato de os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato.”

Com isso, é perceptível que os humanos se relacionem com o mundo através de um processo de ações simbólicas estabelecidas e reestabelecidas no cotidiano do indivíduo, e essas ações são de extrema importância para o convívio social, pois, por meio delas é possível a interação entre os sujeitos de um mesmo grupo, e esses aprendizados são levados para as outras relações com o mundo.

O interacionismo simbólico está repleto de significações já existentes, que são percebidas no momento que ocorre a interação humana, quando o indivíduo para e observa o objeto, no qual possui um elemento que pode apresentar diversos significados de acordo a interpretação de cada um. Além disso, esse processo de interpretação, leva-se em conta que antes da interação com os outros sujeitos sociais acontece o processo de interação consigo mesmo.

“O significado nada mais é que uma expressão dos fatores psicológicos específicos trazidos à baila, relativos à percepção do elemento; desta forma, procura-se explicar o significado de um elemento isolando os fatores psicológicos específicos que produzem o significado.” (BLUMER, 1980, p.121)

Quando ocorre a interação social compreende-se a capacidade de adaptação de um indivíduo com as ações realizadas pelo outro, e a partir desse momento ocorre a interpretação e definição de agregar ou não determinada ação para a sua vida, para o seu comportamento na sociedade. Ou seja, o ser humano busca agir com o ambiente em que vive de acordo com os seus objetivos, ações que traduzam alguma relevância para si e para o seu grupo social de acordo também com o contexto cultural. O contexto cultural inclui também a soma de todas as ações e pensamentos que guiam a vida humana. Para Bauman(2012), a cultura era vista como o rompimento de regras, continuidade nos valores herdados e aprendidos em comunidade, baseado na coletividade. Como podemos perceber, só existe cultura se for concebida e vivida socialmente, em coletividade. A cultura e a sociedade só permanecem ativas pelo fato de estar sempre em movimento, já que a transformação permite dominar uma matriz cultural, mutável, em que acontece a adaptação. No processo adaptativo é preciso ter o sentimento de pertencer a uma totalidade.

As interações sociais estão repletas de significações e para percebê-las é necessário passar por um processo interpretativo para entender o sentido de determinadas ações. Assim sendo, o interacionismo simbólico através do comportamento humano perante a sociedade visa compreender os indivíduos e perceber qual a sua ideia de mundo através das experiências que estes já vivenciaram na vida. Assim, as experiências são definidas com base nas vivências do cotidiano. Como contribuição para esse argumento, John Dewey(2010) diz que é necessário saber que a experiência é obtida através da vida e do meio ambiente, uma ação contínua nos quais, modos de expressões são importantes para a sobrevivência, visto que, acontece a partir das interações sociais, também tecnológicas, e que os modos de se comunicar acabam criando signos, emoções, valores, divergências e ações que representam algum significado que são perceptíveis através da compreensão com o meio, uma harmonia, trazendo novos modos de vida, luta e adaptação. Ainda segundo o autor, a consciência do homem com relações na natureza é a origem da transformação. O homem usa a natureza para amplificar a sua vida. Através disso, a arte prova o quanto o homem se reestabeleceu nos sentidos, por meio dos impulsos e necessidades pessoais. Também é importante dizer que na obra de Dewey(2010), a arte como ideia consciente foi um marco histórico na humanidade. Portanto, o pesquisador quando estuda os grupos sociais utiliza-se da observação direta, através de observação participante, diário de bordo e uma linguagem subjetiva, pois, através deles é possível

averiguar melhor as interações simbólicas que acontecem entre os indivíduos na sociedade e compreender que as pessoas agem em relação ao mundo de acordo com o que acreditam.

Dewey (2010) traz importantes contribuições sobre as experiências, considerada como arte, a experiência é uma forma de produção e aprendizado de conhecimentos, através do sistema estrutural da arte experienciada na vida cotidiana pode-se desenvolver diversas ações na sociedade, já que, a experiência permite que o indivíduo experimente outras coisas, ideias, noções de realidades, fazendo com que haja uma reflexão sobre diversos temas e um conhecimento mais criativo no processo de produção e ação no mundo. Além do que, através da experiência adquirida pode-se perceber, imaginar e até criticar diversas atitudes presentes na sua realidade social. Segundo Dewey(2010), a definição da experiência está relacionada com o crescimento natural da vida, através da vitalidade, continuidade e cotidiano. A experiência estética é composta por símbolos singulares(únicos), presença, olhares, cheiro, etc. As experiências reais são assemelhadas com algo que pode ser lembrado por ter tido muita importância, coisas que acontecem naturalmente, é uma experiência singular, pois é integrada a partir de outras experiências; são tanto intelectuais quanto emocionais, uma experiência do pensamento, do movimento. Uma experiência intelectual é composta por símbolos vividos em outra experiência. Sendo assim, “A experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre o organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação.” (DEWEY, 2010, p.88-89).

A necessidade do ser humano de se comunicar e ser entendido é expressada através das falas, dos gestos, comportamentos, olhares. Ou seja, a experiência pode ser compreendida por meio do processo de identificação dos sentidos, no qual, produz conhecimento no decorrer de inúmeras situações nas quais são vivenciadas no cotidiano. Desta forma, é possível perceber uma relação de aprendizado, através do interacionismo simbólico desencadeado no comportamento das pessoas com a experiência comunicacional, que é produzida por meio do processo interativo gerado pelas relações sociais dos indivíduos. Em razão disso, ocorre um processo simbólico, possibilitando que os indivíduos interpretem os significados que lhes são apresentados de acordo a sua experiência de vida adquirida através do seu contexto cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cidade de Valente está localizada no interior da Bahia, no território do sisal. O território do sisal é composto por 20 municípios e foi instituído para mudar o cenário do baixo desenvolvimento na região. Muitos assemelham, a partir do nome da cidade, que os cidadãos são valentes no sentido de brigões. Porém, o seu nome marca o povo como persistentes, corajosos para enfrentar as dificuldades que lhes são apresentadas, como o convívio com a seca, bem como a falta de emprego assalariado para a maioria. É diante desse cenário que a cidade é marcada pelo caráter agrícola, da cultura de plantar nas suas próprias terras, aproveitando do seu espaço na roça para economizar na compra de diversos alimentos e ainda possibilitando a venda de animais e alguns alimentos orgânicos para gerar renda. Diante disso, não poderia deixar de falar o grande papel que as mulheres desempenham nessa sociedade, mulheres batalhadoras que se organizam em prol de um bem comum para driblar a falta de emprego e se inserir no mercado de trabalho.

A agricultura é uma atividade muito importante no município de Valente, antes era predominante o papel do homem neste trabalho, porém, os tempos foram evoluindo e cada vez mais as mulheres foram participando desse processo produtivo, principalmente depois da inserção da agricultura familiar que possibilita que os próprios membros da família realizem as atividades. Através desses trabalhos acontece as interações simbólicas, o modo de plantar, preparar o solo, cuidar dos alimentos, tudo isso é resultado dos aprendizados herdados pelas gerações anteriores, bem como as experiências adquiridas com indivíduos de outros lugares. É diante desse contexto, que o grupo de produção de mulheres da comunidade rural de Cabochard se organiza em prol de autonomia financeira, e além disso, empoderam-se a respeito do contexto social em que vivem.

Diante de tantas lutas enfrentadas pelo povo no sertão, com os longos períodos de seca, a falta de água, de emprego, a produção e os animais sempre são castigados. Porém, devido a todas as dificuldades enfrentadas no sertão, o povo se mostra persistente e continua batalhando para criar seus animais, cuidar da roça e colocar alimento em casa. Conseqüentemente, cada vez mais as mulheres vem se destacando, saindo do lugar pré determinado que deveria ocupar, de forma histórica e cultural. Surgindo assim, organização de mulheres nas cidades presentes no território do sisal e principalmente

nas comunidades rurais. Importante lembrar que o território do sisal é uma articulação formado por vinte municípios que compartilham da cultura produtiva do sisal, assim como a agricultura de subsistência e convívio com a seca. Neste caso, o processo de organização das mulheres possibilita que elas busquem seu espaço na sociedade, construindo sua renda, de forma suada e com muito esforço, e de certa forma, se tornam autônomas por conseguirem seu dinheiro para gastar com suas necessidades pessoais e gastos da casa sem depender do marido para tudo, possibilitando assim uma melhora na qualidade de vida da família. A partir do agrupamento das mulheres, do convívio, há uma maior produção do conhecimento. Elas aprendem, compartilham suas experiências de vida, percebem que um outro grupo realiza aquela mesma atividade que faz parte do seu dia a dia de uma forma diferente, e assim vão se dando as trocas e experimentações entre elas.

Apesar de toda a luta cravada pelas mulheres, estas carregam o preconceito nas costas, o de ser mulher, que ainda é um trabalho desvalorizado e o fato de ser da zona rural. Porque quando se pensa em mulher do sertão, mais precisamente de mulheres que moram em comunidades rurais, logo vem a mente da maioria das pessoas a ideia de um povo isolado, sem acesso a civilização, a tecnologias, ao estudo; são vistos como pessoas que nunca saíram do seu lugar natural, que desconhecem outros lugares, outros estados e que se dedicam o tempo inteiro para os afazeres domésticos, ao marido e os filhos. As mulheres de Cabochard também sofrem algumas dificuldades como a falta de transporte para se locomover, os carros são pagos, não tem um horário fixo para passar na comunidade. Talvez o que tenho para falar agora fuja um pouco do tema, mas acho relevante dar o meu depoimento sobre esse contexto do preconceito e do transporte. Quando criança e até adolescente, muitas vezes precisei ir com minha mãe para a feira em Valente e na cidade vizinha Santa Luz para ajudar com a venda dos alimentos colhidos na roça, e fazer isso me fazia sentir vergonha, não da venda em si dos produtos, mas da ida e da volta para as cidades, visto que os carros de linha como são chamados aqui, eram velhos, a bujão, sem conforto nenhum, e nessas lotações era um carro comum, o normal seriam viajar apenas cinco pessoas contando com o motorista, mas cabiam sete ou oito pessoas, e lembro-me de abaixar a cabeça sempre quando entrava no carro e só levantar quando percebia que saía de dentro da cidade para meus colegas não me verem naquela situação. Ou seja, as pessoas eram espremidas e detalhe, isso acontece até hoje a respeito das condições dos transportes. E em consequência disso, na

escola sempre rolava aquele preconceito com a galera vinda da zona rural, chamados de matutos, que não conheciam as coisas e não sabiam andar na cidade. Voltando ao contexto do transporte do grupo para levar a mercadoria para a cidade, muitas vezes é levado em motos por não encontrar transporte disponível. É interessante refletir sobre essa questão, que geralmente naturalizamos sem nem mesmo nos dar conta, desse preconceito que gera entre as pessoas da cidade com as pessoas da área rural. Entretanto, a organização das mulheres cresce de maneira empoderada, mostrando seu lugar no mundo, com a trajetória de mulheres corajosas que lutam para conseguir direitos e melhorias de vida.

E muitas vezes o trabalho duro que as mulheres realizam de dupla, tripla e incontáveis jornadas são invisíveis. E isso é bem contraditório, porque atualmente a agricultura familiar está sendo mais valorizada, é evidente a importância que ela desempenha na sociedade. Nas feiras livres das cidades que as mulheres comercializam as hortaliças, percebe-se que há uma procura grande de produtos naturais, livres de produtos químicos, o que demonstra que a sociedade está mais preocupada em cuidar da saúde e evitar futuras complicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas mulheres da unidade de produção da comunidade de Cabochard tem um jeito singular de pensar, de trabalhar, se portar no mundo. É possível notar o quanto é importante a organização de mulheres enquanto grupo social, o empoderamento que esta lhes permitem, a partir da interação com outras companheiras, que participam de intercâmbios através de feiras de agricultura na sua cidade e nas outras cidades vizinhas, além das participações em exposições, feiras, palestras e seminários. Em decorrência disso, partindo das ideias de Blumer(1980), nota-se também, que a interação social vivida pelas mulheres produtoras é uma forma imprescindível para o convívio em grupo, uma vez que os significados de qualquer coisa dependem da interação humana, valores, crenças e fatores culturais de cada indivíduo, tornando o convívio social impossível sem uma produção de sentido. E é justamente isso, as interações com outras pessoas de lugares diferentes do seu só tem a acrescentar na vida dessas mulheres, produzem mais significados para suas ações na busca da independência e reconhecimento do seu valor enquanto produtoras rurais. Visto que, a agricultura ainda é vista apenas como uma

ajuda, já que era entendida como um trabalho duro e pesado, no qual só o homem era capaz de executar esta atividade. Então, como as mulheres não abandonaram as tarefas domésticas, a dedicação com os filhos e o marido, a agricultura é percebida como uma forma de ajuda tanto para as mulheres quanto para a comunidade em si.

Por fim, a experiência que as produtoras da comunidade adquirem umas com as outras é uma forma de expressão da vida, uma troca do eu com o que acontece no mundo, a ideia de seguir sempre em frente. A experiência e as interações vistas como uma coisa contínua, acontece exatamente a partir dessa interação social, seja com presença de emoções, valores, ideias, trocas de pensamentos ou divergências. Dessa forma, as práticas simbólicas contribuem de forma bastante relevante a respeito das identidades e diferenças sociais construídas pelas mulheres que continuam pela busca por autonomia e espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTENSEN, David (Ed.). Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Louise. Interacionismo simbólico. Disponível em:
<<http://louisecomunicacao.blogspot.com.br/2010/11/interacionismo-simbolico.html>> Acesso em: 29 de Abril de 2017.

SALLES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007.